

Sobre “despertares” e revoluções*

Leonardo Rennó R. Santos

Mestre em Filosofia pela FFLCH-USP.

Resumo: O artigo aponta para a pertinência de uma leitura da *Revolução na maneira de pensar*, tema maior do *Segundo Prefácio da Crítica da razão pura*, à luz do duplo despertar do sono dogmático, confessado por Kant nos seus *Prolegômenos* a respeito de David Hume e similarmente indicado em nota manuscrita sobre o seu encontro com a obra de J.-J. Rousseau. Defende-se com isto que as questões postas pela obra do escocês não só não puderam ser plenamente elucidadas por Kant sem que este ao mesmo tempo considerasse com diligência o pensamento rousseauista, como também, e sobretudo, que tal esforço exegético redundou precisamente na proposição da *atitude crítica* como solucionadora dos problemas continuamente reiterados pela *postura dogmática* em metafísica.

Palavras-chave: Kant, despertar, revolução, modo de pensar

Abstract: The article points to the relevance of a reading of the *Revolution in the way of thinking*, major theme of the *Second Preface to the Critique of Pure Reason*, in the light of the *awakening of dogmatic slumber*, confessed by Kant in his *Prolegomena* about David Hume and similarly indicated in a handwritten note about his encounter with the works of J.-J. Rousseau. It is argued therefore that the questions posed by Hume’s works not only could not be fully elucidated by Kant before Rousseau’s works were considered, but also and above all, that this exegetical effort resulted precisely in the proposition of the *critical attitude* as a solver of the problems continually repeated by *dogmatism* in metaphysics.

Keywords: Kant, awakening, revolution, way of thinking

Um dos tópicos mais consagrados de exegese do *corpus crítico* é a influência do pensamento de David Hume na revolução crítica en-cetada por Kant a partir da *Crítica da Razão Pura* (CRP), sendo uma boa medida desta influência a expressão *despertar do sono dogmático*, tal como é encontrada nas páginas iniciais dos *Prolegômenos*. Essa obra, vindo a

* Versão condensada do capítulo primeiro, “A destinação moral da Razão”, da dissertação defendida em 2011 no departamento de Filosofia da FFLCH-USP, *O aprimoramento moral na Antropologia pragmática de Kant*.

público dois anos após a estréia da *Crítica*, tem por função desfazer as incompreensões interpretativas dos acadêmicos de então, exemplificadas na resenha anônima, hoje sabemos escrita a quatro mãos, publicada nos *Göttingische gelehrten Anzeigen* em 19 de janeiro de 1782.

Recebida ali como uma espécie de teoria do conhecimento, a CRP é acusada de refazer o percurso da filosofia empirista¹ sem, no entanto, oferecer conclusões novas afora usos esdrúxulos do vocabulário filosófico institucionalizado; recepção que Kant, ao que parece, já vaticinava, tal como Lebrun alega no artigo *Os duzentos anos desta Crítica*. Aqui, esta acolhida é assim justificada:

Por isso era necessário, como faria um anatomista consciencioso, expor *inteiramente* o sistema da razão e dar ao leitor a certeza de que a análise era *exaustiva*. Assim, era forçoso preferir o rigor aos artifícios pedagógicos, a lição penosa ao ensaio. A 'nova língua' que desconcertava os primeiros leitores era o preço, deliberadamente aceito, que a nova ciência devia pagar para nascer.²

Lebrun esclarece que a acusação apresentada pelos primeiros críticos da obra kantiana era de fato uma reação prevista frente à *redefinição completa* do aparato conceitual disponível nos manuais de filosofia da época³, necessária segundo o julgamento de Kant para o renascimento da metafísica a partir dali como ciência. Com efeito, preço pago e ambiente de incompreensões formado, este é o cenário a partir do qual emerge a famosa passagem do despartar:

1. "One basic pillar of the Kantian system rests on these concepts of sensations as mere modifications of ourselves (on which Berkeley, too, principally builds his idealism), and of space and time". Feder, J.; Garver, C. *The Göttingen Review*. In: Sassen, B. *Kant's Early Critics: The Empiricist Critique of the Theoretical Philosophy*. New York: Cambridge University Press, 2000, p. 53.
2. Lebrun, G. *Os Duzentos Anos desta Crítica*. In: _____. *Passeios ao léu*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 17.
3. "When the Kantian results were translated back into the language of these handbooks [of metaphysics stemming from the Wolffian school of thought], they seemed at first to shed their strangeness and to be incorporated into the circle of accepted ideas. But surprise was growing at what strange forms and formulas the transcendental philosophy, taken as result already known in its essential points, had been tricked out in". Cassirer, E. *Kant's Life and Thought*. New Haven & London: Yale University Press, 1981, p. 369.

Confesso francamente: foi a advertência de *David Hume* que, há muitos anos, interrompeu o meu sono dogmático e deu às minhas investigações no campo da filosofia especulativa uma orientação inteiramente diversa. Eu estava muito longe de admitir as suas conclusões, que resultavam simplesmente de ele não ter representado o problema em toda a sua amplitude, mas de o ter abordado apenas por um lado que, se não se tiver em conta o conjunto, nada pode explicar.⁴

Embora encontremos aqui a afirmação do *despertar do sono dogmático*, este é matizado pela recusa do tratamento humiano da questão. Kant, primeiramente, não se coloca como partidário do âmbito investigativo pretendido por Hume, por entender que ele assumiu como totalidade da questão aquilo que constituía apenas um dos seus componentes. Em seguida, devido a este equívoco, Kant rejeita as inferências a que Hume foi necessariamente conduzido. Em relação ao primeiro ponto, comenta:

A questão não era se o conceito de causa era exato, prático, indispensável relativamente a todo o conhecimento da natureza, coisa de que *Hume* jamais duvidara; mas de se ele era concebido pela razão *a priori* e se, deste modo, possuía uma verdade interna independente de toda a experiência e, por conseguinte, uma utilidade mais ampla, que não se limitasse simplesmente a objetos da experiência: era a este respeito que *Hume* aguardava uma informação. Tratava-se apenas da origem desse conceito, não da sua utilidade indispensável: se essa origem estivesse determinada, as condições do seu emprego e o âmbito da sua validade ter-se-iam espontaneamente apresentado.⁵

Sua *atenção* se volta para o fato de Hume, identificando acertadamente uma parte do problema, qual seja, a impossibilidade do conceito de causalidade decorrer da própria experiência, não ter-se indagado conseqüentemente por sua condição de possibilidade, proposição que segundo Kant cobriria todo o espectro da questão. Grosso modo, uma vez delimitado o desacordo tanto pela recolocação da forma como o problema do conceito de causalidade pode ser satisfatoriamente resolvido pela *Crítica*, quanto pela recusa da conclusão a que as inferências mal colocadas conduziram o escocês, torna-se claro o *modo* deste despertar de que Hume é dignitário.

4. Kant, I. *Prolegômenos a toda Metafísica Futura*. Lisboa: Edições 70, 1982, p. 17.

5. *Idem*, p. 15.

A diferença em relação a Hume ficará evidente com a explicitação kantiana de que o caráter de *universalidade* da lei de causalidade jamais poderia ser derivado de uma associação contingente reiterada, outro título para o hábito; que, portanto, seu fundamento não pode ser regulado pela empiria, mas, antes, que essa tem de ser regulada pela universalidade daquela, caso contrário, "esse conceito de causa totalmente se perderia"⁶. Encontramos na *CRP*, assim, a inversão da formulação humiana com o objetivo de estabelecer corretamente a sua proposição, reparo que Kant ressentiu, nos *Prolegômenos*, sua ausência na conduta de Hume.

Com efeito, foi esta falta específica de Hume aquilo que pôs Kant na pista da descoberta da verdade; por isso fazia sentido a reintegração de suas inferências impróprias a partir deste primeiro equívoco, tanto para que a originalidade da nova proposição pudesse ser destacada, quanto para que esta incorreção fosse estimada como benefício fortuito à Razão. Daí porque já na *Introdução* da *CRP*, Kant recuperava da seguinte maneira as imprecisões de Hume a respeito do âmbito completo da questão:

(...) segundo o seu raciocínio [de Hume], tudo o que denominamos metafísica mais não seria do que simples ilusão de um pretensão conhecimento racional daquilo que, de fato, era extraído da experiência e adquirira pelo hábito a aparência de necessidade; afirmação esta que destrói toda a filosofia pura e que nunca lhe teria ocorrido se tivesse tido em mente o nosso problema em toda a generalidade (...)⁷.

Esta reprimenda de Kant a Hume se baseia na correção anterior do problema sobre a lei de causalidade, ou seja, por não decorrer da própria empiria, perde o sentido toda a crítica que pretende ver apenas nela seu fio condutor. Neste sentido, já que não se trata de extrair do escocês nem suas proposições nem suas conclusões a esse respeito, resta a Kant a gratidão pelo *lampejo* obtido com a proposição de um *problema*, de cuja solução adequada dependia a sua *delimitação* completa, como também da *invenção* de um método capaz de resolvê-lo; o que se observa na seguinte avaliação dos *Prolegômenos*: "era, pois, aquilo de que precisa a metafísica para construir o seu sistema segundo um plano certo"⁸.

6. Kant, I. *Crítica da Razão Pura*. 2a ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, B 5.

7. Idem, B 20.

8. Kant, I. *Prolegômenos*, p. 18.

Compreende-se, assim, como a advertência humiana no plano do conhecimento *possibilita* a Kant a execução segura do sistema da metafísica. Tal empreitada é possível porque a resposta sobre o fundamento da lei de causalidade *descortina* aos seus olhos o âmbito completo da *razão pura*. Dizendo de outro modo, o fato de a condição de possibilidade da causalidade estar assentada exteriormente à experiência é justamente aquilo que dá ensejo à reflexão kantiana sobre a maneira como são possíveis os conhecimentos *independentes* desta. E, ademais, responder desta maneira à advertência de Hume é estar sempre *alerta* para o perigo do avanço sem crítica num espaço constituído fora “do campo de todas as experiências possíveis”⁹; é, por isso também, ultrapassar – *atentamente* – o horizonte epistemológico transigido pela postura cética.

Contudo, a posição de Kant contrária aos desmandos das metafísicas pré-críticas é de algum modo fraterna ao *espírito cético* de Hume. Malgrado as falsas inferências humianas deduzidas de sua colocação inadequada do problema da causalidade, o *sentido* da atitude de ambos converge para o mesmo ponto: obstem-se a assumir como existente aquilo que *sem crítica* não passa de uma “simples ilusão de um pretense conhecimento racional”¹⁰. Esclarece-se, assim, a importância peculiar de Hume segundo a interpretação de Kant; foi o escocês aquele que alertou Kant para os métodos abusivos empregados pelas *Escolas metafísicas*, com os quais era pretendido estender a capacidade de conhecimento para além de toda possibilidade de comprovação ou refutação pela experiência. Mas, se para Hume a metafísica simplesmente adquiria pelo hábito a sua aparência de necessidade, bastando, portanto, para desfazê-la, refutá-la pela confrontação com a empiria, Kant toma uma outra rota, postulando a sua naturalidade de origem:

(...) a metafísica, embora não seja real como ciência, pelo menos existe como disposição natural (*metaphysica naturalis*), pois a razão humana, impelida por exigências próprias, que não pela simples validade de saber muito, prossegue irresistivelmente a sua marcha para esses problemas, que não podem ser solucionados pelo uso empírico da razão nem por princípios extraídos da experiência.¹¹

9. Kant, I. *CRP*, B 6.

10. Idem, B 20.

11. Idem, B 21.

O que à primeira vista pode passar despercebido nessa passagem, mais do que a postulação expressa da naturalidade da metafísica é, antes, a questão de sua *destinação*. Ou seja, afirmar que a razão humana é impelida não pelo simples *acúmulo de conhecimento*, "validade de saber muito", e sim por "exigências próprias", é declarar de outra maneira que ela está destinada¹² à realização daquilo ao qual ela se reserva. O que por sua vez não significa depreciar, doravante, o aprendizado kantiano da advertência apresentada por Hume. Muito pelo contrário. Principalmente com a postulação do *impulso* para a metafísica, Kant sempre se orientará no plano do conhecimento segundo o *espírito* humano, recuperando assim a postura cética como "*preliminar*"¹³ à atitude crítica no tocante a "uma ciência imprescindível à razão humana, a que se podem cortar os ramos que se vão erguendo, mas a que não se podem extirpar as raízes"¹⁴.

Indica-se, pois, a latitude daquele alerta longamente meditado. A partir dele Kant soluciona o problema da singularidade do conhecimento *a priori* em resposta à *advertência* lançada por Hume e, com isto, redefine a origem e as incumbências da disciplina de metafísica em seu todo. Igualmente, não se tratou para Kant de tão-só corrigi-lo, mas antes de também honrar – mediante a exposição da "marcha dos seus raciocínios e [d]os erros de um homem tão penetrante e tão estimável, erros estes que, porém, tiveram nascimento na pista da verdade"¹⁵ – aquele que descerrou os seus olhos para os desmandos da *postura acrítica* a respeito da possibilidade efetiva do conhecimento *a priori*. É esta a chave para se compreender o *despertar do sono dogmático* kantiano, como se lê nos *Prolegômenos*.

Chave por certo polêmica, caso se tenha no horizonte o artigo *Hume e a astúcia de Kant*. Neste, ao investigar o *diagnóstico* de Kant sobre o problema subjacente à lei de causalidade¹⁶, Lebrun concluirá tanto pelo equívoco kantiano de tomar Hume como um detrator da ciência

12. "(...) é [a metafísica], porém, a mais antiga de todas as ciências e subsistiria mesmo que as restantes fossem totalmente subvertidas pela voragem de uma barbárie, que tudo aniquilasse". Idem, B XIV.

13. Idem, B 797.

14. Idem, B 24.

15. Idem, B 792.

16. "É preciso responder a Hume. Mostrar que Hume pecou, por precipitação, ao proclamar a total impotência da razão. E, para começar, é preciso retomar a sua análise do conhecimento do sensível", em Lebrun, G. Hume e a Astúcia

moderna, quanto pela assunção *crítica*, aos seus olhos errônea, da "razão universal" como sendo um "sistema de segurança ideológica"¹⁷, que teria refreado momentaneamente a marcha do pensamento ocidental. Segundo esta leitura, Kant se tornava a última, e a mais brilhante, figura do Iluminismo. Com suas palavras:

A partir daí, como dizer que ele [Kant] salvou a ciência contra Hume? O que Kant salvou por um tempo, deslocando audazmente – e genialmente – o platonismo, foi a razão universal, essa figura derradeira de Deus, a mais sorradeira – que os procedimentos científicos, na realidade, podem perfeitamente dispensar.¹⁸

Contrariamente ao que se observa neste julgamento de Lebrun, Kant não se propunha como objetivo o salvamento da ciência moderna pelo simples motivo de que, para ele, não havia de quê ela ser salva. E nisto Hume também assentia. O objetivo de Kant foi o de, ao analisar o que tornava o conhecimento científico *universal e necessário*, indagar-se sobre a viabilidade de também a metafísica se beneficiar, ainda que à sua maneira, dos procedimentos próprios à ciência moderna, o que significaria tornar exequível a sua reinscrição como ciência [*Wissenschaft*].

O que fica apontado, pois, é a impossibilidade desta identificação ligeira entre as ciências e a possibilidade da metafísica *como ciência*, tal como Lebrun supõe. Não é uma e mesma questão¹⁹ a pesquisa kantiana sobre as razões da autonomia da ciência moderna, e a ulterior investigação do que são os conceitos tais como "razão universal" e "Deus", ainda que sejam agrupadas a partir da pergunta "como são possíveis

de Kant. In: _____; Torres Filho, R. (org.). *Sobre Kant*. São Paulo: Iluminuras e EdUSP, 1993, p. 10.

17. *Idem*, p. 13.

18. *Idem*, *ibidem*.

19. "Relendo a *Crítica do Juízo*, desta vez aproximando-a da *Crítica da razão prática*, [Lebrun] acusa Kant de ter propiciado à 'velha senhora' um derradeiro suspiro, oferecendo assim aos metafísicos futuros as bases de um novo e inabalável dogmatismo, cuja finalidade suprema é a edificação de uma teologia racional (chame-se a ela 'sentido da vida', 'sentido da história' etc.), fundada no uso prático da razão e, portanto, ao abrigo de toda tentativa de refutação a partir da experiência". Pimenta, P. A Arte de Ler Kant. *Jornal de Resenhas*. Discurso Editorial, n. 8, pp. 20-1, março de 2010, p. 20.

os juízos sintéticos *a priori*?²⁰. Não é, portanto, devida uma perspectiva que pretenda ler de uma só tacada aquilo que Kant "lenta e seguramente" pretendeu realizar.

Agora, se retomarmos o primeiro artigo de Lebrun de que nos servimos, veremos lá a sua validação do *rigor demonstrativo* de Kant face aos "artifícios pedagógicos" danosos no tocante ao método expositivo adequado à CRP, com a consequente incompreensão do projeto crítico. Foi neste âmbito que a primeira utilização da obra humiana ganhou relevo. Entretanto os *Prolegômenos* assumem um novo tom. Já não é mais o da análise exaustiva, mas sim o da instrução, da condução mais adequada para a compreensão da problemática subjacente. Se na CRP os *artifícios pedagógicos* eram dispensáveis, mesmo nocivos, já nos *Prolegômenos* a atitude professoral torna-se a pedra angular. E, manifestamente, também uma apresentação específica da obra humiana. Inflexão que Lebrun infelizmente não considera. Portanto, caso seja razoável esta suspeita de que o acento aqui se matiza tanto pela *atitude magisterial* em relação ao ensino de um *outro modo de pensar* inaugurado pela CRP, quanto pela *defesa arguta* frente àquela *recepção empirista*, então é a abordagem de Lebrun no artigo a respeito da astúcia de Kant – e não a utilização estratégica da obra humiana por Kant – aquilo que perde sustentação.

Neste sentido, seria imprudente a conclusão igualmente apresada de que Kant teria sido despertado *apenas* por Hume, abordagem que propicia equívocos tais como o cometido por Lebrun. Ou ainda, que a nova *maneira de pensar* oferecida pela *Crítica* fosse devedora somente do impacto da obra humiana. Reformular a questão do conhecimento *a priori*, bem como estar sempre atento aos "ramos que se vão erguendo" não foi tudo o que Kant pôde dizer a respeito do "destino da metafísica". A indicação de que tais ramos surgem de uma disposição natural da razão humana para a metafísica não se esgota, sequer é satisfatoriamente elucidada, mediante o cotejo Kant-Hume.

Desde então, faz sentido, na busca por este esclarecimento, voltarmos para outro filósofo pelo qual Kant reconhece possuir uma dívida de gratidão: Jean-Jacques Rousseau. Este reconhecimento, encontrado numa nota feita de próprio punho à margem do seu exemplar pessoal das *Observações sobre o sentimento do Belo e do Sublime*, possui uma forma de redação bastante próxima daquela encontrada nos *Prolegômenos* a respeito de Hume, o que sugere ter sido escrita sob o mesmo *espírito*.

20. Kant, I. CRP, B 19.

Eu mesmo sou por inclinação um pesquisador [*Forscher*]. Eu sinto inteiramente a sede do conhecimento e a inquietação desejosa de nele avançar ou ainda o contentamento em cada aquisição. Houve um tempo no qual eu acreditava que apenas este conhecimento podia constituir a honra da humanidade e eu desdenhava o povo que não sabe de nada. Rousseau me endireitou [*zurecht bringen*]. Esta primazia que me ofuscava se dissipa; eu aprendo a honrar os homens e me julgaria mais inútil que o trabalhador comum se eu não acreditasse que essa consideração pudesse conferir um valor a todas as restantes, estabelecer os direitos da humanidade.²¹

Com esta nota, Kant reconhece possuir a natureza de um *investigador* que, de início, equivocara-se ao identificar o *valor* do conhecimento com o progresso da ciência; logo, faltava-lhe antes *método*, orientação de pensamento do que *motivação*. O que, então, está verdadeiramente posto em questão não é o valor particular do conhecimento, pois disto Kant nunca duvidará, mas sim o equívoco de ver tão-somente nesta aquisição toda “a honra da humanidade”, prejudgando ser seu fim último. Portanto, foi esse *engano* de assumir como valor derradeiro o simples progresso da ciência, aquilo que o manteve *adormecido* durante tanto tempo; o que Kant pensava ser apenas “a sede do conhecimento e a inquietação desejosa de nele avançar” era tão-só a vocação para a metafísica, que a sua *razão* não reconhecia possuir. Neste sentido, o problema se volta para a compreensão do que consistiu para Kant esta tomada de consciência, este seu *despertar do sono dogmático* tanto no universo teórico, como vimos com Hume, quanto agora no prático, cuja dívida inegável para com aquele que *descerrou seus olhos* para a dimensão moral dos homens, ensinando-o a honrar a humanidade, sugere a sua medida inteira.

Numa outra anotação marginal, Kant revela:

É uma sobrecarga para o entendimento ter gosto. Eu tenho de ler Rousseau a fio até não mais me perturbar a beleza da expressão e, então, posso primeiro investigá-lo com razão [*mit Vernunft*].²²

21. Kant, I. Kant's Handschriftlicher Nachlass, Band VII. In: *Kant's Gesammelte Schriften*, Band XX. Preußischen Akademie der Wissenschaften (Hrsg.), Berlin: Walter de Gruyter, 1942, p. 44. Consultou-se a tradução francesa, cuja paginação segue entre chaves, de Geonget, B. In: Kant, I. *Remarques touchant les Observations sur le Sentiment du Beau et du Sublime*. Paris: Vrin, 1994, [p. 127].

22. Idem, p. 30 [114].

De início, nota-se aqui o reconhecimento de Kant a respeito da força da eloquência aliada ao estilo persuasivo do genebrino. Depois, o fato de que esta novidade de tratamento das questões filosóficas é o que perturba o trabalho de análise, da compreensão daquilo *contra o quê*, ou *contra quem*, o escrito se destina. Interromper a interpretação nessa altura acarretaria ver na letra rousseauísta apenas paradoxos e proposições descabidas, como foi bem o caso dos seus contemporâneos²³. Em contrapartida, algo distinto deste tipo de recepção diz respeito à perturbação inevitável que a leitura de sua obra causa no *entendimento* do leitor em decorrência de um contínuo apelo à *capacidade de imaginação*²⁴, a fim de que suas proposições originais possam ser compreendidas. Rousseau, de fato, exige de sua audiência uma acolhida inteiramente oposta à ortodoxia dos problemas filosóficos.

A partir daí, pode-se supor que “ler Rousseau a fio” afigurou o esforço kantiano de contrapor-se à maneira tradicional de receber a filosofia rousseauísta na busca pela unidade da obra, sem que isto precisasse significar a desqualificação da beleza e da força expressiva. Por isto mesmo, a “sobrecarga para o entendimento” nesta perspectiva parece mais aventar o embaraço causado por uma *recepção ortodoxa* de um pensamento que impõe um público diverso – da mesma maneira como a CRP também imporá ao seu tempo e, em seguida, a destinação dos *Prolegômenos* ao futuro –, do que um veto inflexível e apressado de Kant a respeito do que constituiria o trabalho filosófico correto.

O que se prova, caso seja dada a atenção devida ao despertar proporcionado por Rousseau, pois não é justamente daquele grupo de pensadores, *cegamente* crentes no acúmulo de conhecimento e no progresso científico, do qual Kant reconheceu ser participante dileto, a ponto de desprezar “o povo que não sabe de nada”? E não é deste

23. “Dans les *Lettres écrites de la Montagne*, qui sont une défense de l’*Émile* et du *Contrat social*, Rousseau répondait ironiquement à ses ennemis, qui distinguaient dans ses ouvrages un style ‘enchanteur’, diaboliquement persuasif, et des idées fausses et dangereuses, des paradoxes outrés et contradictoires”. Launay, M. Introduction. In: Rousseau, J.-J. *Émile ou de l’Éducation*. Paris: Garnier-Flammarion, 1966, p. 20.

24. “Kant insiste souvent sur l’importance de l’imagination chez Rousseau : ‘Rousseau est un rêveur digne d’attention’. S’il peut paraître à beaucoup chimérique, et si ses idées sont moquées par les puissants et les doctes, il est selon Kant ‘un sage qui pense justement’”. Ferrari, J. *Les Sources Françaises de la Philosophie de Kant*. Paris: Librairie Klincksieck, 1979, p. 176.

mesmo grupo que Kant se afasta ao aprender com o genebrino a honrar os homens, bem como, por meio deste aprendizado, a esboçar uma maneira *heterodoxa* de pensar sua problematização? Tal como Suzuki avalia:

As questões inusitadas e intrigantes que Rousseau apresenta não somente levam Kant a pôr em dúvida a importância do saber especulativo e a ver abalada sua presunção de homem de ciência, mas também o fazem perceber quão pobres são os meios de que a escola dogmática dispõe para compreender sua escrita.²⁵

Suzuki comenta aqui a necessidade percebida por Kant de inventar um *aparato interpretativo* capaz de dar conta da forma *invulgar* com a qual Rousseau, ao aliar a eloquência à força expressiva, faz frente ao *lugar-comum* que se tornara em sua época a apologia da modernidade. Da mesma maneira, a solução deste *método* precisa estar consonante àquela também singular da advertência proposta por Hume. Em decorrência disto, Kant precisará arquitetar uma *estratégia* na qual consiga *coordenar* a dimensão teórica do conhecimento *a priori* com as exigências da realidade moral dos homens descoberta pela leitura da obra rousseauísta.

Entretanto, seria temerária a postulação, no itinerário do pensamento kantiano, de *dois* 'despertares' diferentes do sono dogmático, um para a dimensão teórica do conhecimento e devedor de Hume, do qual a filosofia especulativa enquanto pesquisa dos primeiros princípios da filosofia da natureza seria sua medida mais ajustada, e outro para a dimensão moral do gênero humano, devedor de Rousseau, do qual a filosofia prática enquanto investigação dos fundamentos de determinação dos princípios da moral seria sua marca privilegiada. Tal leitura, por pressupor uma cisão de princípio entre as condutas investigativas de Kant, chocar-se-ia com os desdobramentos da empresa crítica, como se vê no seguinte resultado:

Portanto, na vinculação da razão especulativa pura com a razão prática pura em vista de um conhecimento, a última toma o *primado*, pressupondo-se que essa vinculação não seja porventura contingen-

25. Suzuki, M. *O Gênio Romântico: Crítica e História da Filosofia em Friedrich Schlegel*. São Paulo: Iluminuras & Fapesp, 1998, p. 48.

te e arbitrária mas fundada *a priori* sobre a própria razão, por conseguinte seja *necessária*.²⁶

Esta solução extraída da *Crítica da Razão Prática* se mostra preciosa não só por legitimar a *vinculação necessária* entre os planos da razão, a *razão especulativa pura* e a *razão prática pura*, com a consequente primazia desta última sobre a primeira, mas principalmente por validar a suposição de que os dois, à primeira vista, *despertaes distintos* podem estar na verdade conciliados²⁷, sem que isso signifique a supressão de suas especificidades. Por conseguinte, mostra-se autorizada a suposição de sua *complementaridade* decorrente de uma e mesma *atitude*, qual seja, a da *Revolução na maneira de pensar*, tal como exprimida no âmbito do *Segundo Prefácio* da CRP. Resta, portanto, demonstrá-la.

Sobre a segunda apresentação da *Crítica*, é elementar a indicação de que esta tomará como ponto de partida a elucidação das características descritoras da parte pura das ciências. A partir deste recorte, Kant mostra que são duas as vias possíveis do conhecimento *a priori*; ou *determinando* o objeto, e isso diz respeito ao "*conhecimento teórico*", ou *realizando* seu conceito, tratando-se, pois, do "*conhecimento prático da razão*"²⁸. Contudo, ambas estas vias apenas serão *estabelecidas* acertadamente caso se respeite o ensinamento crítico acerca da independência de qualquer referência empírica para a determinação da possibilidade do conhecimento *a priori*. A rigor, colocar-se *para além* desta referência no tocante à justificativa de seus fundamentos implicará a determinação das ciências como sendo causa de si mesmas; é neste sentido que a perquirição sobre suas partes *a priori* se esclarece. Compreender como cada ciência é capaz desta forma de conhecimento equivalerá a mostrar como cada uma delas se *auto-legitima* em relação à antiga necessi-

26. Kant, I. *Crítica da Razão Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 197.

27. A sugestão de Beiser, de que o primeiro contato de Kant com as obras de Hume e Rousseau teria ocorrido no mesmo segundo semestre de 1759, por intermédio da correspondência trocada com Hamann, apenas reforça esta hipótese, visto que os problemas postos pela obra do escocês não poderiam ser resolvidos sem que os ensinamentos oferecidos pela do genebrino fossem seriamente considerados. Cf. Beiser, F. *The Fate of Reason: German Philosophy from Kant to Fichte*. Cambridge & London: Cambridge University Press, 1987, pp. 24 e 33.

28. Kant, I. CRP, B IX.

dade de justificativas exteriores, ou superiores, que avalizavam os seus procedimentos cognitivos²⁹.

Ao observar então o sucesso da Lógica, Matemática e Física, Kant proporá um *experimento* com o objetivo de oferecer à Metafísica os mesmos benefícios daquelas. Para tanto, a proposição deste experimento deverá indicar as duas matrizes conceituais das ciências modernas, “cujo fundamento está bem assente”³⁰. A primeira, a partir do “ensaio do arguto Bacon de Verulâmio”³¹, exprimirá a necessidade de *inventário*³² das variáveis envolvidas num dado experimento científico. Já a segunda, à luz da “primeira ideia de Copérnico”³³, indicará a compreensão de que este experimento não é distinto do encontro formado tanto pela *imposição* do sujeito do conhecimento de regularidades determinadas *a priori*, quanto pelos elementos constitutivos da empiria, com a ulterior confirmação ou refutação, pela natureza, do experimento proposto.

Em ambos os casos, por conseguinte, uma e mesma atividade peculiar a operar esta construção conceitual: a da *razão*. Kant concluirá que a atividade da razão – sendo a da ciência moderna apenas um caso exemplar – é, do lado dos princípios, *independente da empiria*, conhecedora de seus fenômenos na medida em que tanto supõe suas regularidades quanto as contrasta com a natureza, não produzindo tais regularidades nem por simples observação (como pretenderiam os empiristas) e nem por mera elucidação conceitual (tal como se vê nos racionalistas). Com esta mudança de perspectiva, então, a relação

29. “Where traditional philosophy assumed its methods and authority in raising skeptical questions about experience and science, Kant’s primary intention is to be skeptical about those philosophical methods and authority. This is one striking way in which his revolutionary aims reverse the order of previous philosophical thinking”. Bird, G. *The Revolutionary Kant: a Commentary on the Critique of Pure Reason*. Illinois: Open Court, 2006, p. 36. Grifo nosso.

30. Kant, I. *CRP*, A XI.

31. *Idem*, B XII.

32. Kant, aqui, se refere às tabula de Bacon, o cerne do método experimental indutivo, construído com o objetivo de extrair dos fatos particulares as leis gerais da natureza, ou as formas. Toda a exposição de Bacon a respeito do sentido e funcionamento da indução mediante as tabula se encontra no livro II do *Novum Organum*.

33. Kant, I. *CRP*, B XVI.

estabelecida entre *razão* e *natureza* será representada por meio de uma nova configuração. Ou seja, sendo determinada exteriormente ao âmbito da empiria, a legalidade dos juízos emitidos pela razão sobre os eventos empíricos tanto garantirá a sua *ação autônoma*, quanto será a natureza, enquanto conceito sintetizador de todos estes eventos, aquilo que validará ou refutará a adequação destes mesmos juízos.

Decorrerá desta *conquista* da razão de sua maioria face ao seu antigo mestre, portanto, a possibilidade de se colocar criticamente em relação ao seu percurso traçado na busca por esta emancipação, sugerindo assim o seu *aprimoramento*. Isto fica evidente quando Kant, ao assumir que não seguirá "o fio da história do método experimental"³⁴, pode afirmar "que a razão só entende aquilo que produz segundo os seus próprios planos"³⁵. Assim, tal abordagem nos parece sugerir, antes, por intermédio de sua *reconstrução* racional, uma *história racional da razão*³⁶, descontinua em relação aos seus momentos de transição e, exatamente por isso, debruçando-se sobre os *elementos inovadores* obtidos a partir de suas *revoluções*. Não haverá no *Segundo Prefácio* a suposição de um princípio objetivo destas transições, já que Kant entende a *Revolução na maneira de pensar* justamente como um *rompimento* com o passado³⁷ e, por conseguinte, com o tipo de perspectiva que pretende supor um princípio engendrador de um avanço *natural porque cumulativo* da razão.

Pelo contrário, há nesta ideia de reconstrução a indicação de que o fio condutor da história será eleito a partir de um *ponto de vista a priori* – neste caso do *Segundo Prefácio*, a conquista da autonomia da razão –, a partir do qual os eventos se iluminarão. Daí o emprego da noção de "lampejo" tencionando a observação dos *ensaios redirecionado-*

34. Idem, B XIII.

35. Idem, ibidem.

36. "É por isso que a história da filosofia não é uma história como as outras: ela não nos convida a prolongá-la, mas a reencontrar o ponto a partir do qual ela se extraviou; nós sabemos que houve desvio desde a origem – resta-nos encontrar 'o compasso' que o medirá". Lebrun, G. *Kant e o Fim da Metafísica*. 2a ed., São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 27.

37. "There is indeed clear evidence in his repeated claim to provide a revolutionary new direction for philosophy, in its detailed specification of the Copernican experiment at Bxvi, and in his vehement response to Garve that Kant quite consciously wished not merely to change previous philosophy but to reverse it, to turn it completely round". Bird, G. *The Revolutionary Kant*, p. 12.

res³⁸ dos rumos da história que deram azo ao seu autogoverno. Insiste-se neste particular porque, de acordo com o ponto de vista escolhido para essa reconstrução histórica do *Segundo Prefácio*, é a razão em Bacon e em Copérnico que é despertada e, depois, é a razão em Galileu quem descobre as primeiras leis da natureza etc. Igualmente, se é Kant quem desperta do *sono dogmático*, é antes a razão em Kant quem recoloca a questão do conhecimento para além da regulação da empiria, como também é a razão em Kant quem se dá conta tanto do seu pendor para a metafísica quanto da justificação moral necessária dos seus fins últimos.

Entende-se daí decorrer a relevância específica que as leituras das obras de Hume e Rousseau tiveram para a circunscrição, mediante esta tomada de consciência, de sua *Revolução na maneira de pensar*, pois se é Kant quem a propõe, é a própria razão a beneficiária, e com ela todos os seus produtos concebidos *naturalmente*, cabendo, dali em diante, a aplicação ajustada do "compasso" com o qual será possível a mensuração de suas peripécias.

É este, pois, o ambiente que Kant constitui para legitimar o seu experimento: "tentar imitá-las [as ciências], tanto quanto o permite a sua analogia, como conhecimentos racionais, com a metafísica"³⁹. Por conseguinte, fica claro que este ensaio crítico só poderá render frutos caso se respeite o limite para os usos do método analógico. Kant, então, alerta para o perigo metafísico de transformar analogias em identidades, já que os experimentos probatórios da *Metafísica* não podem ser corroborados ou refutados pela experiência da Física. Logo, caberá ao investigador da metafísica, antes de propor um experimento, realizar o *exame completo e exaustivo* da capacidade de conhecer "independentemente de toda a experiência"⁴⁰, sendo este o sentido exato da CRP enquanto um tratado sobre o método, e não uma doutrina.

Fiando assim no resultado de seu experimento, Kant conclui da seguinte forma sobre a *Revolução na maneira de pensar* proposta pela Crítica:

Tive pois de suprimir o *saber* para encontrar lugar para a *crença*, e o dogmatismo da metafísica, ou seja, o preconceito de nela se *progre-*

38. "Nossa era é a era da crítica e é preciso ver o que, dos experimentos críticos de nossa época, há de resultar para a Metafísica e a Filosofia em particular". Kant, I. *Lógica*. 3a ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, p. 49. Negrito nosso.

39. Kant, I. CRP, B XVI.

40. Idem, A XII.

dir, sem crítica da razão pura, é a verdadeira fonte de toda a incredulidade, que está em conflito com a moralidade e é sempre muito dogmática.⁴¹

“Suprimir o saber” confirma doravante a reinscrição do âmbito prático da metafísica sem o ônus de pretensões *cognitivas* em suas incumbências, como foi o caso das *Escolas dogmáticas* que por meio de procedimentos dialéticos e, destes, com suas consequentes antinomias, pulverizavam a *crença racional* na moralidade. A rigor, “suprimir o saber” também denota, na delimitação do plano legítimo do conhecimento, a compreensão do que possibilita à ciência moderna cumprir a sua promessa de produtora de conhecimento.

Desta maneira, uma vez que se limite a esfera do saber “aos simples objetos da *experiência*”⁴², espaço de ação dos procedimentos peculiares à metafísica especulativa, prova-se legítimo o “uso moral”⁴³ da razão pura e, sobretudo, a indicação do *caráter distintivo* da disciplina de metafísica em seu conjunto, com o qual as perspectivas teórica e prática se entrelaçam. Numa jogada magistral, lentamente preparada, Kant então consegue responder tanto ao ceticismo radical do desconfiado Hume frente à legitimidade da disciplina de metafísica, quanto à novidade encontrada nos entusiásticos ensinamentos rousseauístas acerca da dignidade humana; e ainda, afirmar que a razão de nada padece com esta revolução. Bem ao contrário, Kant compreende que “a perda atingiu apenas o *monopólio das escolas*; de modo algum, porém, o *interesse dos homens*”.⁴⁴

Por conseguinte, se quem sofre com esta reinscrição é tão-somente o *modus operandi* da tradição, aquele que efetivamente ganha é o gênero humano, finalmente capacitado a compreender, para além das contendas epistemológicas, que o impulso para a metafísica sempre esteve no centro da questão e, pois, que doravante cabe *adestrá-lo* para a efetivação dos seus fins últimos descobertos. Atitude esta, portanto, justificada quando se entende que do despertar kantiano de sua vã pretensão de homem de ciência – ao aprender com Rousseau a *honrar* os homens e a *estabelecer* os direitos da humanidade sem os quais todos

41. Idem, B XXX. Negrito nosso.

42. Idem, B XXVI.

43. Idem, B XXV.

44. Idem, B XXXII.

os seus bens não passariam de “pura aparência e cintilante miséria”⁴⁵ – não decorre absolutamente o descrédito, nem o arredamento, de sua resposta à advertência humiana sobre os desmandos de um avanço sem crítica em terreno não refutável pela empiria. E, sobretudo, descortina-se por fim a complementaridade deste duplo despertar, sob a forma de uma atitude crítica decorrente da *Revolução na maneira de pensar*.

Referências bibliográficas:

- BEISER, F. *The Fate of Reason: German Philosophy from Kant to Fichte*. Cambridge & London: Cambridge University Press, 1987
- BIRD, G. *The Revolutionary Kant: a Commentary on the Critique of Pure Reason*. Illinois: Open Court, 2006
- CASSIRER, E. *Kant's Life and Thought*. New Haven & London: Yale University Press, 1981
- FEDER, J.; GARVER, C. The Göttingen Review. In: SASSEN, B. *Kant's Early Critics: The Empiricist Critique of the Theoretical Philosophy*. New York: Cambridge University Press, 2000,
- FERRARI, J. *Les Sources Françaises de la Philosophie de Kant*. Paris: Librairie Klincksieck, 1979
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. 2a ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989
- _____. *Crítica da Razão Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002
- _____. *Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*. 2a ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003
- _____. Kant's Handschriftlicher Nachlass, Band VII. In: *Kant's Gesammelte Schriften*, Band XX. Preußischen Akademie der Wissenschaften (Hrsg.), Berlin: Walter de Gruyter, 1942
- _____. *Lógica*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003
- _____. *Prolegômenos a toda Metafísica Futura*. Lisboa: Edições 70, 1982
- _____. *Remarques touchant les Observations sur le Sentiment du Beau et du Sublime*. Paris: VRIN, 1994
- LAUNAY, M. Introduction. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile ou de l'Éducation*. Paris: Garnier-Flammarion, 1966

45. Kant, I. *Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*. 2a ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 16.

Leonardo Rennó R. Santos

- LEBRUN, G. Hume e a Astúcia de Kant. In: TORRES FILHO, R. (org.). *Sobre Kant*. São Paulo: Iluminuras e EdUSP, 1993
- _____. *Kant e o Fim da Metafísica*. 2a ed., São Paulo: Martins Fontes, 2002
- _____. Os Duzentos Anos desta Crítica. In: _____. *Passeios ao léu*. São Paulo: Brasiliense, 1983
- PIMENTA, P. "A Arte de Ler Kant". In: *Jornal de Resenhas*. Discurso Editorial, n. 8, pp. 20-1, março de 2010.
- SUZUKI, M. *O Gênio Romântico: Crítica e História da Filosofia em Friedrich Schlegel*. São Paulo: Iluminuras & Fapesp, 1998.